

Antonio-José SARAIVA

2, Allée de Chalon  
91 - VIRY-CHATILLON

Pessoal

Paris, 7 de Fevereiro de 1970

Meu Caro Martins Pereira

Em meados de Janeiro passado redigi uma carta que demorei a meter no correio e que transcrevo podando-a de algumas linhas que se desactualizaram:

"Da equipa actual de O Tempo e o Modo Você é quem melhor conheço pessoalmente e por isso vai para si esta carta.

...e aproveito a ocasião para lhe expor algumas reflexões inspiradas pela leitura do artigo de abertura do nº 74. Vejo aí que a revista se declara "socialista", "não-reformista" e que se situa na "esquerda portuguesa".

Do que respeita à "esquerda", pergunto a mim mesmo se esta palavra significa alguma coisa a não ser uma posição dentro de uma estrutura dada. Há a "esquerda" da União Nacional, há a "esquerda" da Oposição. E a própria Oposição pode apresentar-se como a "esquerda" da actual estrutura política portuguesa, de A a Z. A palavra "esquerda", que é de origem parlamentar supõe de facto a aceitação de um sistema institucional. A esquerda é uma parte de. Sem falar de que cada grupo político no poder inventa a sua esquerda e a sua direita. Será de conservar esta velha designação que ~~se faz~~ faz pensar num legue solidário ou num hemicírculo?

Quanto ao "Socialismo" parece-me indispensável definir o que isso é. A maior parte das pessoas julga que o "Socialismo" consiste na colectivização dos meios de produção. Mas essa colectivização é somente um meio; em si mesma não significa nada se não lhe propusermos os fins. Haja em vista os Estados onde ela serviu para resultados opostos à desalienação que dela esperavam Marx e outros doutrinários do Socialismo. Além disso a própria noção de colectivização precisa de ser definida. Uma coisa é colectiva quando pertence a uma colectividade. Mas qual?

Um partido, uma igreja, uma casta, uma burocracia, são colectividades. Qual é a colétivização que se pretende e como realizá-la?

Passemos ao "não-reformismo". Porque se rejeita antecipadamente, a priori o reformismo? Porque ele constitui uma forma ou método de transformação que não leva à sociedade desejada; e não leva porque não se apoia nas camadas sociais oprimidas. Mas cabe perguntar se isso não é uma atitude abstracta, doutrinária. Pode imaginar-se, também a priori que vários caminhos levam a Roma. E se analisarmos concretamente as diversas situações existentes, é evidente que o caminho da classe operária inglesa, motorizada, televisionada, escolarizada, iniciada nas instituições parlamentares, não pode ser o mesmo do camponês sul-americano ou do negro africano, que vive ainda culturalmente no neolítico. Para cada caso uma solução. E o exemplo da URSS prova que não basta que um socialismo não seja reformista para que o seu resultado seja desejável.

No que respeita a O Tempo e O Modo em que base ou camada social pretende apoiar-se para uma solução não-reformista? Na classe operária portuguesa? *E pensa que operários e camponeses serão tocados pela revolução* No campesinato? Ou apostará no esclarecimento de alguns leitores, pela palavra, pela doutrinação, pela informação, pela crítica? Como esses leitores são, do mesmo modo que os redactores da revista, de origem burguesa, não estará implícito nesse método um caminho "reformista"?

Ao fim e ao cabo essa oposição entre "reformismo" e "anti-reformismo" não será uma ilusão verbal, uma oposição ideológica? Pergunto.

E aqui se põe o problema do diálogo. O artigo em questão parece rejeitá-lo (embora a esse respeito não seja perfeitamente claro), assim opondo o antigo ao novo O Tempo e o Modo. Mas esclarecer, informar, criticar não será dialogar? E o diálogo socrático não será um dos métodos mais eficazes de esclarecimento anti-ideológico?

E já agora gostaria de saber o que significa a palavra "ideologicamente" no parágrafo em que se fala do "homem novo". Qual é precisamente *a oposição* entre "moralizantemente" e "ideologicamente", que nesse parágrafo se contrapõem?

Que isto de palavras tem muita importância. Em política (e sobretudo na que se pretende "científica") elas não têm o mesmo valor que em Ciências exactas. Têm dois gumes: um que se esforça pela captação do real, outra que leva ao afastamento dele, mesmo quando quem as utiliza não pretende fazer demagogia. Por isso importa defini-las, sobretudo quando se trata de palavras-chave que atraem ~~uma~~ toda a limalha de sonhos, messianismos, compensações que cada um de nós traz dentro de si. "Socialismo", "Revolução", "Reformismo", "Esquerda", "Ideologia". etc., etc. andam na boca de toda a gente, e significam tudo e o contrário de tudo.

A leitura deste número da revista revela um esforço notável para escapar à jeringonça dita "progressista". Mas isso é difícil; e, por um lado, o autor do artigo usa palavras como "ideologia" em sentido impreciso; por outro, é levado, no pendor da precisão, àquilo a que chamo "hiper-correcção", de modo que para fugir ao conteúdo mítico de uma palavra vai cair no polo oposto -- no valor opacamente positivista. É o que sucede com a expressão "homem novo". Dando-se conta do que ela contém de evangélico e messiânico, o autor explica que apenas quer lutar por um mundo "habitável e justo". Mas não é isso o que diria qualquer reformista sincero? Eu prefiro a esperança evangélica a qualquer super-Escandinávia "habitável" em que todos os egoísmos poderão cohabitar igualitária e pacificamente. Há que não ter medo da dimensão sobrehumana dos homens. O que é preciso é discriminar a novidade homem que queremos <sup>4</sup> velhice do homem que não queremos. Só assim daremos um conteúdo ao "Socialismo".

Estou de acordo com o espírito que transparece na revista, sem prejuízo das interrogações que levanto e apesar do formulário estereotipado a que às vezes ela não escapa. Por isso...."

Depois de ter escrito estas linhas, um amigo assinalou-me uma referência ao meu nome no nº 75 de O Tempo e o Modo. Foi uma surpresa desanimadora. O Tempo e o Modo discute com a União Nacional para averiguar se eu sou ou não "insuspeito". Ela diz que sim, ele diz que não.

Essa conversa interessa-me pouco. Não sou deputado, nem ex-deputado, nem futuro deputado, nem ex-futuro deputado, nem candidato a dirigente de um partido ou do partido oposto. Isso é lá

com vocês. Ponham-se de acordo ou em desacordo àcerca da minha "suspeitabilidade"; classifiquem-me, etiquetem-me, "desmascarem-me", se esse jogo os diverte. O que me preocupa é outra coisa.

É ver que uma revista em que eu presentia uma esperança está a ser uma desilusão. Vejo, em primeiro lugar, que O Tempo e o Modo envereda no velho espírito inquisitorial que consiste em descobrir e denunciar os "suspeitos". Toma o seu lugar na longa procissão dos autos de fé. Não é um "homem novo", antes velhíssimo, <sup>e corrompido.</sup> empedernido. Vejo, depois, que o que lhe interessa é discutir com a União Nacional: será nesse sentido que ele se define como "esquerda"? Como a União Nacional me chama "insuspeito", O Tempo e o Modo, oposicionistamente, contra-chama-me "suspeito". Como é fácil de ver, neste diálogo é a União Nacional que tem a iniciativa; o seu parceiro e antagonista político limita-se a jogar a parada que ela queria que ele jogasse. Mesmo como "política" no sentido mais rasteiro, não se pode dizer que O Tempo e o Modo dê provas de grande imaginação e perspicácia. E sobretudo há nessa frase de O Tempo e o Modo o conhecido processo da perfidiazinha, de alusão venenosa tão característica dos politiqueiros nacionais e internacionais. Este é o aspecto mais grave, porque põe em causa a personalidade moral da revista. Afinal é isto o que ela traz de novo? É só mais papel impresso na circulação para uns tantos intelectuais, frustrados da política que os outros lhes tiraram, se justificarem e se darem a ilusão de que fazem alguma coisa? É só mais lixo de papel?

É isto que me preocupa, meu caro Martins Pereira. E se escrevo para lho dizer é porque apesar de tudo julgo que há n' O Tempo e o Modo gente que tem ambições mais altas que as reveladas pelo autor do artigo em questão. Espero que ela saiba vencer a tentação da mediocridade e esteja ainda a tempo de evitar para a revista os carris costumeiros por onde quisse todas as revistas doutrinárias portuguesas avançam para o pântano da "austera, apagada e vil tristeza" de que já se queixava o Camões ("suspeito") "Austera" porque se reveste de uma linguagem asceticamente salva-

dora de vítima exemplar; "apagada", porque é intelectualmente medíocre; "vil", porque é a expressão de um caracter amesquinhado. E sobretudo, triste, tristíssima,-- e imensamente maçadora.

Por isso suspendo o meu juízo e aguardarei os próximos números para ver o caminho que a revista escolhe na encruzilhada em que se encontra.

Por agora é tudo. Saúda-o o velho amigo

*Armando*

---

Esta carta é  pessoal. Não é para ser  
publicada

*Armando*

Antonio José SARAIVA

2, Allée de Chalon  
91 - VIRY-CHATILLON



ENT  
40  
NE  
Posta

SEZ-Y... 4

Ex mo Sr.

Eng: João Martins Pereira

R. Fialho de Almeida, 34, 5º F.

Lisboa

PORTUGAL